



A princesa Margarida de Connaught, esposa do principe Gustavo Adolpho, herdeiro da corôa da Suecia, com seus augustos filhos, a princesa Ingrid e o principe Bertil

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000
Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.
Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas
Estrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Sucessor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestatos, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castelo, se residir no concelho de Vianna do Castelo; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os reverendos Padsres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concelho de subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

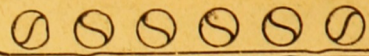
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Gasa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Estampas

para enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a Juas côres. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

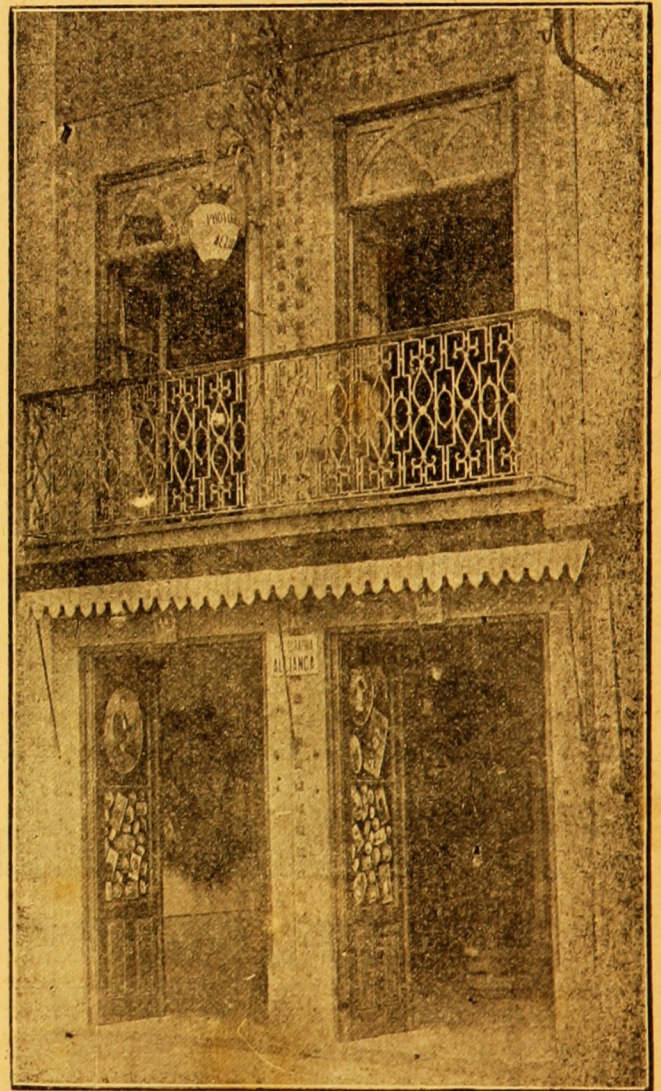
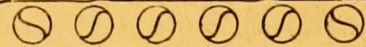
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44. Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

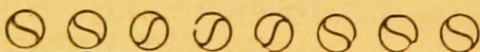




ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 23 de Fevereiro de 1918

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 243—Anno V



D. João Paulino d'Azevedo e Castro
VENERANDO BISPO DE MACAU

Nasceu na Villa do Pico (Açôres) em 4 de Fevereiro de 1852. Eleito bispo em 9 de Junho de 1902 foi sagrado em 27 de Dezembro do mesmo anno fazendo a entrada solemne em Macau no dia 5 de Junho de 1903. Fallecido ultimamente

CHRONICA DA SEMANA

Por esquecimento...

EM apendice á ultima chronica poderia eu repetir uns pormenores que me foram fornecidos, sobre o que se passou nos bailes carnavalescos da alta-roda, sob as vidraçarias coloridas da grande nave do palacio. Poderia repetil'õ... mas não o faço. Ha leitoras poisando olhares curiosos sobre estas linhas e não é digno da minha penna, como o não seria da justa revolta que o rebaixamento dos costumes me provoca, pinturejar aqui a curva de attitudes caracterizadas pelo sofraldado das saias, agravado pela abolição da máscara.

—Como agravado?!... perguntar-me-hão alguns dos inimigos do disfarce tradicional dos dias da entrudada.

—Ah! agravado, sim, agravado! A mascara só me é repugnante quando acoberta o chasco pezado e torpe, ou a cara glabra de um assassino á Borgia.

De resto, leitor, o tempo da máscara ainda ainda!—era o tempo da graça gentil e do recato que excitava, sem duvida, mas que se respeitava tambem. Quantas vezes a mascara, o *loup* revelou um rosto natural: ingénuo, muito triste, cheio de tédio pela realidade de acordar!

Se a máscara era afinal todo o dramasiño pungente de Colombine e Pierrot, entalhado no metal de um escriptorio, desenhado na alma d'aquelle ou d'aquelle que a usava para generosamente fazer rir os outros...

Mas a máscara desapareceu. O impudor atirou-a para um canto, venceu-a. Talvez que os detractores taciturnos d'ella agora não reparem, por não quererem, — papás e mamãs de facilimas condescendencias,—no que acontece a suas filhas, pobres meninas que sabem aos quinze annos aquillo que d'antes só as licções dos trinta e dos quarenta ensinavam, mas só para repetir nos versos de Hugo a préce

... De jamais voir, Seigneur! l'été sans fleurs vermeilles,
La cage sans oiseaux, la ruche sans abeilles
La maison sans enfants!

Nós sorrimos hoje das póses romanticas, dos *leões* que copiavam Lamartine das gravuras das *Meditações poeticas* das *Harmonias*. E todavia eu não sei se o D. João de hoje é melhor do que o de ontem. E' pelo menos egual! Fez-se, pela proza e pela poesia, pelo desenho e pela musica, uma descuidada perversão da sensibilidade. Nos romanticos foi-se para ella a olhar para o luar que tornava mais pallida a pallida côr d'Elvira. Agora vae-se para ella a procurar a volupia dos langores do opio e das lubricas danças orientaes.

O resultado é o mesmo.

Veja-se por exemplo, que as novas e transcendentes tendencias para a arte é um furibundo e desenfreado amontoamento de technica, que tem os seus cúmulos na esthética mais que exóticas do cubrismo; na furia aventureira de báchicas vertigens trasbordando venenos de uma luxuria, que morde corpos nubes; irradiantes, e helenicos na preocupação exclusiva da linha como expressão coreographica; no desdem, de um vèrde de

esmeralda, com que os artistas fitam tudo o que faz pura e bella a alma, pela sua formação moral, e se delicias, resupinos sobre os coxins do cynismo, com exhibição instinctiva dos corpos, ou se prendem nos embrechados das miniaturas persas, nos coloridos phantasiosos das estampas japonezas...

Fernando Leal, um illustrado jornalista madrilenõ, n'uma brilhante conferencia ha pouco realisada no Atheneu d'aquelle côrte, sobre as novas tendencias da pintura hespanhola, se exaltou os jovens pintores da sua patria que sabem enriquecer e fazer evolucionar a sua arte com independencia dos maneirismos estrangeiros.

E' que a chamma abrasadora e pujante em que se opéra a renovação das ideias estheticas do século actual, a orientalisação da arte, começa a cegar e a descaracterisar os mais serenos e impávidos cultores da belleza no occidente.

Tractando dos nús do pintor judeu Leão Bakst, um dos mais perfeitos trabalhadores das novas escolas, dizia o conferente: «O Oriente inteiro com os seus mysterios, as suas deslumbradoras magnificencias, os seus ritos e harmonias inauditas, mandou-nos Leão Bakst como mensageiro annunciador da conquista que outra vez, ao cabo de séculos intentou, sobre as sociedades christãs do occidente. Mas não nol'õ mandou só. Para conquistar as multidões, enviou-o em união com tudo aquillo que mais de pressa pode seduzir o homem. Com as mais bellas representações da sua ambição, com todas as seduções da carne.»

Fernando Leal tem razão. Dá-lh'a por exemplo, o facto de nos maravilhosos espectaculos dos bailes russos, a que ha pouco assistiu na capital se apresentarem as decorações persas de Bakst, meio veladas pelo rythmo das danças liturgicas da Trouhanova, embriagando o espectador com as notas de oiro e fogo de Strawinsky. Dão-lh'a tambem os programas dos mais completos concertos em que as velhas melodias de Mozart e mesmo as escolas imponentes da Allemanha são quase constantemente substituidas pelos festivaes ardorosos de musica moscovita.

Como Rabel, Debussy, Chabrier em França; Granados e Albéniz na vizinha Hespanha, entre nós os melhores mestres trouxeram e trazem novas sonoridades orchestraes, buscando adormecer-nos nas vibrações estranhas das canções turbulentamente perturbantes do oriente.

D'aqui, uma desnacionalisação artistica abrindo portas a um surprehendente e aterrador deslçamento moral.

... Ah! mas agora lembro que me perdia a conversar. O sr. Sidonic Paes acaba de chegar do Alemtejo. A crise politica vae estalar, tal como ha um mez previ n'estas páginas. Não se pode perder tempo com a arte. Vocellencias desculpem-me. Ouçamos o sr. Camacho sobre as formas de que a república é susceptivel...

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Cinzas

HA dias, n'um estreito compartimento do caminho de ferro o bom do Abbade de . . . que um funesto erro desandou do trato ingenuo das flores e da cultura amavel das vinhas, para o forvellinho negro da politica eleicoeira, praguejava feroz contra tuao e contra todos, n'uma febre demolidora e demagoga.

E brandindo doestos contra os homens da interrompida monarchia, rouquejava com odio a já sediça corja de ladrões que foi o *leit motif* d'uma geração demolidora. O bom pastor seguia afinal na abandonada esteira de tantissimas ovelhas gafadas, que jamais souberam pôr bem acima das paixões d'um partidatismo ser vil, o respeito devido aos homens que, sómente pelo facto de nos contrariarem as convicções jamais perderam o direito á geral consideração. Ladrões, ladrões, gritava vermelho e cruel n'um dilúvio d'invectivas e de rapé.

Mas Abbade, compare, coteje, tudo quanto chama os grandes crimes da monarchia com a desenfreada roubalheira dos ultimos sete annos; olhe para toda essa casta de novos ricos, para esses estadistas abarrotoando de prafas e bilhetes do Thesouro e veja se ha possivel comparação com essas grandes figuras do passado que as vergonhas e os latrocínios do presente, tão radiosamente rehabilitaram.

Quer, o exemplo dos mortos? O Bispo de Vizeu cuja veneranda sombra s. reverencia morde, algumas vezes ministro, quando estava no poder, cedia os rendimentos da mitra e não podia sustentar dous sobrinhos em Coimbra por falta de meios; e, por sua morte, o espolio da guarda roupa prelaticio eram dois pares de calças, umas muito no fio, outras com fundilhos. . . quer outro ladrão? Antonio Rodrigues Sampaio, um lutador de meio seculo, que legou a sua familia um miseravel montepio. Está ancioso por me fallar de Costa Cabral? O conde de Thomar estava pouco menos de pobre quando o conde de Ferreira lhe legou cem contos. Fulmina-me com o Saldanha? O padre lá pode medir com a sua miopia o gigante, o Cid cavalheiroso, o lidador indomavel, o athleta desta Lilliput, que contrahia dividas, quando Ministro, para as pagar com os seus ordenados de diplomata? . . . E morreu pobre, não sabia? E que me diz da immaculada alma do gentilissimo Duque de Loulé? E da probidade austera do Duque d'Avila encouraçado de commendas e cruces para que o demonio dos maus pensamentos lhe não penetrassem o peito? E Rodrigo da Fonseca, rival de Passos Manuel no desinteresse? E Fontes Pereira de Mello invulnera-

vel em pontos d'honra como Anselmo Bramcamp? Não sabe que Antonio de Serpa e Mendes Leal e Andrade Corvo, quando deixavam de ser ministros iam ganhar a sua vida no jornalismo, e no magisterio, e saldar com esses mesquinhos salarios as suas dividas contrahidas no poder? E Lobo d'Avila um destro gymnasta de talento que se tem dado por bem pago com a benemerita reputação d'esperto? E Latino Coelho? Um ministro que, em materia de ladroagem, só correu imminente risco de ser roubado nos diamantes do seu estylo. E o lovelaciano Barjona grande salteador de corações e mais nada? Não viu Thomaz Ribeiro, quando largou segunda vez a pasta, abrir escriptorio de advogado? E Lopo Vaz que tem sahido do governo mais illibado e menos martyr do que sahiu do governo da India outro Lopo Vaz seu problematico Avô? Pinheiro Chagas escreve correspondencias para o Brazil e artigos avulsos nos jornaes litterarios afim de conservar a velha freguezia dos seus admiradores. José Luciano de Castro acinge-se as restricções d'uma austera parcimonia para educar os filhos com o seu patrimonio. Ao Conde de Casal Ribeiro perguntem-lhe por metade dos haveres herdados.

Admiravel! É de Camillo a lauda fulgurante que transcrevo. Assim respondeu elle, a outro irado pastor; assim poderia eu responder ao meu fogoso Abbade, se não quizesse dar aos leitores o mimo deleitoso da prosa do Mestre. Que fulgor d'ironia scintilla atravez d'aquella fria rajada de justiça, perante as objurgatorias do Padre Casimiro o intrepido guerrilheiro de Vieira! Entretanto o general defensor das cinco chagas, como elle proprio se chamou no acampamento das Sete Fontes, tinha, lá isso tinha vistas mais largas que o meu companheiro de viagem. Era assim que fulminando certos homens elle clarividenceava os modernos tubarões.

«Elle conheceu alguns. . . uns philantropos de soccos, sem meias, de jaqueta e chapeu velho; e agora andam aceados, que nem uns desembargadores, gordos como nabos, vermelhos como pimentos, fallando de papo e com sua senhoria e excellencia. . .

Surprehendente afinal este bom Padre Casimiro que ha um bom par d'annos prophetisava do seu retiro de Felgueiras, todos esses Urbanos, Mattas, Abreus, Costas e companhias, munamentaes tubarões d'esta republica hospedaria . . .

E o meu Abbade a berrar! Bem sei . . . aquelles é que são os ladrões.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XXII

Aventuras do alfabeto

TEMPO é já de variar o assunto, deixando em paz o alfabeto. A mina é inesgotável e não é improvável que outra vez nos metamos por ella a desfadar as horas destes ncessos serões.

Varietas delectat! Lá diz o proloquio, que alguém entendeu: *varetas de leque!* Um certo Massala, segundo se lê no *Eva e Ave*, escreveu um tratado sobre cada uma das letras do alfabeto. *Frey Gil* foge á tentação de fazer outro tanto, não por falta de material, mas em obsequio aos leitores que se deleitam na variedade.

Para nos despedirmos como convém, das nossas amigas letras, visto que escrevo este serão no Carnaval, observemo-las quando as empregamos á laia de mascaral!

E quando é? E' quando em vez das palavras por extenso usamos apenas as iniciaes dellas, ou por brevidade, ou por occultar o sentido de alguma inscripção. Vastissima messe para um respigador de amenidades!

Fica prometido que a este assunto consagraremos, lá mais para diante, uma boa meia duzia de serões. Por agora, só este panninho de amostra...

Quem não conhece as iniciaes da *Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal: R. C. V. N. P.*—em relevo nas garrafas? Já as interpretaram: *Réles Companhia. Vinho nem pinga!*

Os Estados Unidos são a unica nação da America que não têm nome proprio. Pois ha annos (e ás vezes apparece esse nome em annuncios) correram Niagaras de tinta em propostas para se dar á grande republica o nome de *USONA*, formado das iniciaes do compridissimo *United States of North America*: Estados Unidos da America do Norfe.

Do *S. P. Q. R.* do guião do Senhor dos Passos nem falemos! São aos milhares as interpretações. A ultima, de flagrante actualidade, é: *Sidonio Paes, Queremos Respirar!*

Em honra de Lord Wellington fez-se um dia em Lisboa uma illuminação. No meio de centenaes de luminarias via-se um *W* que o artista figurou assim: *VV*. «O povo olhava—conta JOSÉ PEQUENO, no seu curioso livro *A minha vida e a dos meus amigos ou os ultimos quarenta annos*, Lisboa, 1848 pag. 32—o povo olhava, mas não entendia, e cada um apresentava a sua conjectura—e se fosse hoje alguém diria *é vivorio*. Depois d'uma quebra cabeças, porem sem resultado plauzível, appareceu um Çapateiro muito bebado, e depois de ouvir as diversas opiniões soltou uma gargalhada, lambou os beiços e disse para alguns amigos:—Com que vossês não entendem?... pois a coisa está clara... Aquillo quer dizer: *Vamos vivendo!*

«E que bonito seria, que depois dessa epoca fossemos dizendo o mesmo...» Isto era escrito em 1848...

No meu livrinho *Almocreve das Delas*, (Braga, 1905, pag. 81) contei o caso da inscripção que deu origem á lenda da *papisa Joanna*. «Deu origem a este conto (que lá reproduzi em latim) uma estatua que se descobriu em Roma; representava uma sacerdotisa no acto de ir sacrificar, precedida por uma creança; debaixo da estatua lia-se a inscripção:

Pap. Pat. Pat. P. P. P.

«Os tres ultimos pp são a sigla vulgarissima na epigraphia latina: *propria pecunia posuit*, que significa, sem sombra de duvida: Pap. Pat. Pat. *mandou erigir á sua custa* (este monumento). O povo, ou alguma cabeça gloriosa, lembrou-se de lhe dar uma interpretação estranha. O exemplo foi seguido e, hoje, contam-se ás duzias. Uma dellas é posta por Engelesius na bocca

do diabo: Papa, Pater Patrum, *peperit papissa papellum*: O pápa, pae dos paes, que era uma papisa, deu á luz um pápasinho!» No livrinho citado encontrará o leitor curioso refutada a estúpida lenda com mais seriedade e pachorra do que o caso merecia.

Da já citada obrinha italiana *Et ab hic at ab hoc* transcrevo outra interpretação jocosa de certos pp:

«Pedro Poulac, primeiro presidente da *Cour d'appel* de Bordeus, mandara pôr na porta do seu gabinete quatro *P*, que significavam: *Pierre Poulac Premier President*. Um dia ao ver um camponio, que havia duas ou três horas estava esperando, com os olhos fixos nos quatro *P*, perguntou-lhe se sabia o que significavam aquellas letras, e o campones ingenuamente respondeu: *Certainement, monsieur, ça signifie: Pauvre Plaideur Prends Patience.*»

Curiosissima é a que conta Planudes do conhecido fabulista da Phrygia. Traduzo do voluminoso repertorio latino *Theatrum vitae humanae* de Bayerlinck, vol. III pag. 874:

«Esopo, fabulista Phrygio, estava ao serviço de Xanto, philosopho de Samos. Como este um dia tivesse ido á cidadela, andava lendo uns marmores antigos. Entre elles havia um cippo que tinha apenas gravadas sete letras *A B D O E Th Ch*.

Indicando Esopo que havia ali um thesouro e tendo pactuado receber a liberdade e metade do ouro, afastando-se quatro passos do cippo começou a cavar e deu com o thesouro. Com o que satisfeito Xantho, perguntou tambem a interpretação das letras. Esopo explicou-as d'este modo *A apobás, B bémata, D tettara, O orúxas E euréseis, Th thesaurón Ch chrysiou* (1). Xanto invejoso da sabedoria do escravo recusou cumprir o prometido. Então Esopo disse:—se não cumpres o prometido contarei tudo ao dono do thesouro, ao rei de Syracusa: é o que advertem as letras: *A apódos, B. basilei, D dionysio O on, E eures, Th thesaurón Ch chrysiou* (2). Xantho ao ouvir que o ouro era do rei concedeu a Esopo metade do lucro. Esopo, porém, respondeu:—Não és tu quem me dá isto, mas sim quem enterrou o thesouro, visto que isso mesmo indicam as letras; *A anelómenoi, B badizantes, D diélethe, O on, E eúrete, Th thesaurón, Ch chrysiou.*» (3)

Fechariamos aqui com chave de oiro. Mas que é o oiro material comparado ao ouro da doutrina? Ora uma das aventuras do alfabeto foi procurarem alguns engenhos compôr versos, ou distichos, em que entrassem todas as letras do alfabeto. Fechemos, pois, estas nossas com um disticho em que figuram todas. Foi elle composto por Fleuri Lecluze, antigo decano da Faculdade de Letras de Toulouse, sobre um outro de S. Gregorio de Nazianso. E diz em grêgo:

Psychè blépson áno, xcínon d' epítêthou pánton
medé s' áge nikón pròs zophóente démas.

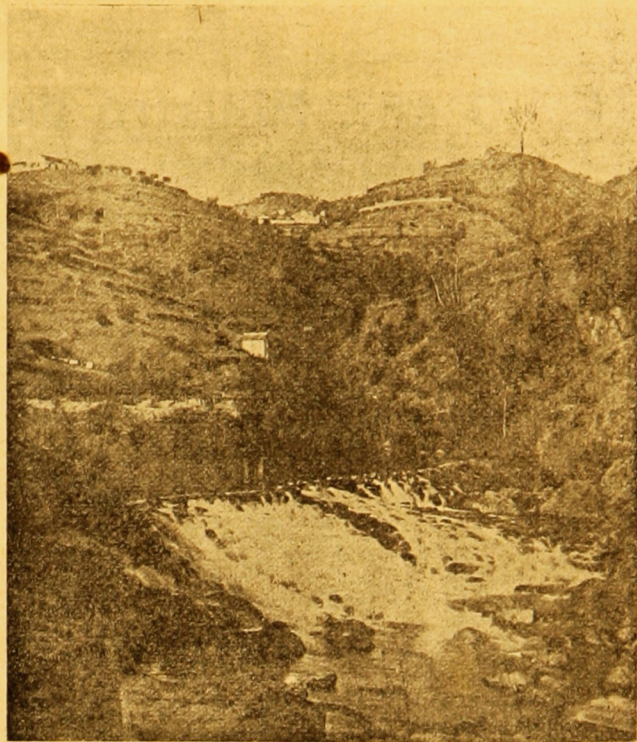
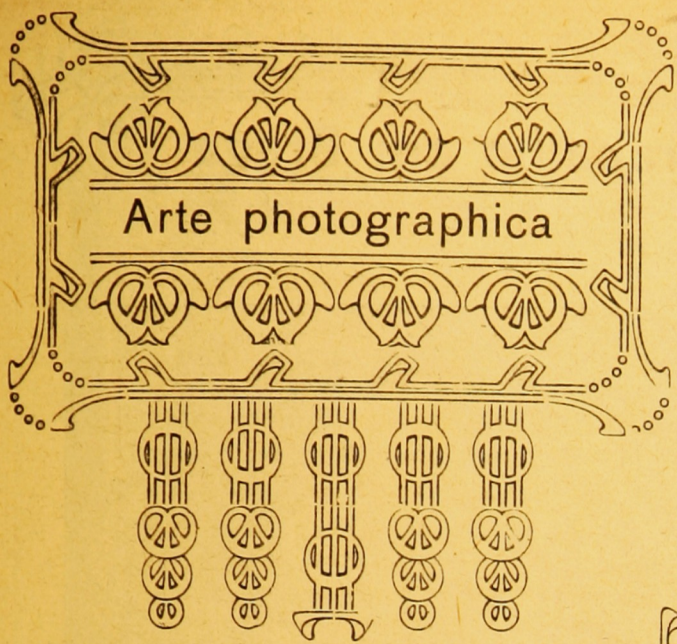
«Olha para o alto, ó alma, esquece-te de todas as coisas alheias, para que o corpo, vencedor, te não leve para as trevas!»

Assim seja!

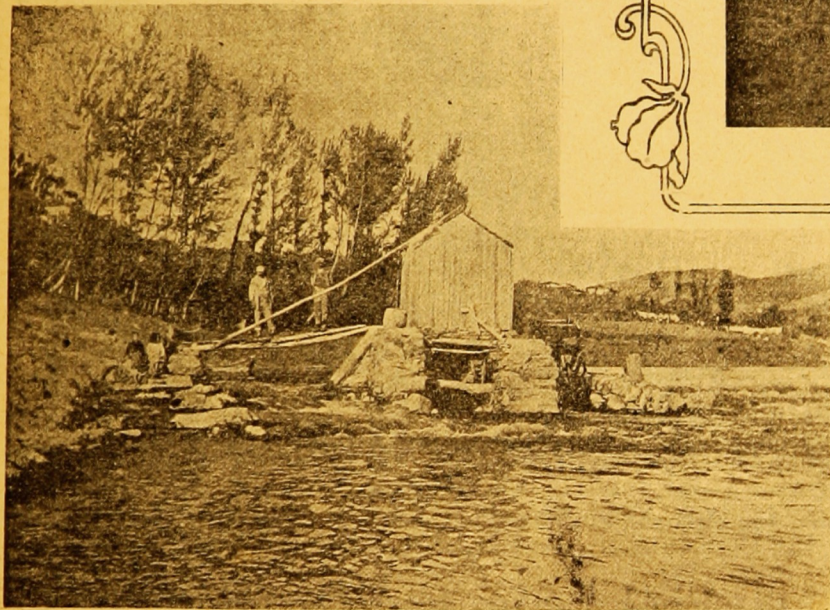
(1) *Apobás bémata tettara oryxas, euréseis thesaurón chrysiou*; tendo-e afastado quatro passos, e cavado, acharás um thesouro de ouro.—Note-se que a terceira letra, *delta*, tem em grego o valor numeral de 4, assim se explica que não corresponda á inicial de *tettara*: quatro.

(2) *Apódos basilei Dionysio, on eures thesaurón chrysiou*; restitue ao rei Dionysio o thesouro de ouro que achares.

(3) *Anelómenoi badizantes diélethe òn eúrete thesaurón chrysiou*; andando depois de o terdes levantado dividi o thesouro de ouro que achardes.



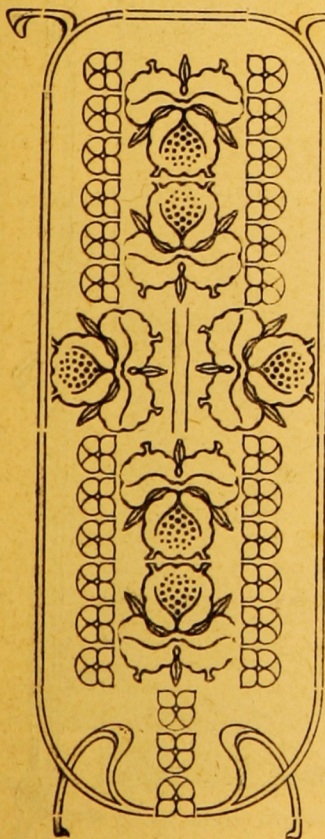
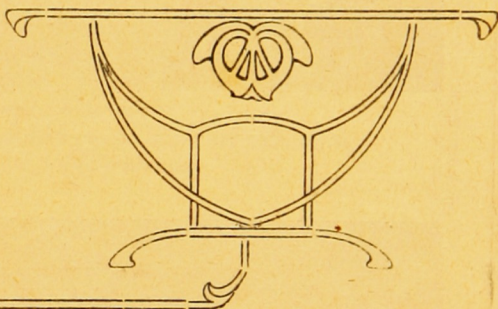
REGOA—Cachoeiras do Corgo



REGOA.—Moinho do Salgueiral



(Phots. de Antonio Teixeira).



VILLA POUCA D'AGUIAR—Um casebre rustico

(Phot. de Miguel Monteiro).

O snr. Ministro do Trabalho em Braga



A chegada a S. Pedro de Maximinos



Os automoveis da comitiva a caminho da cidade

(Phots. Alliança).



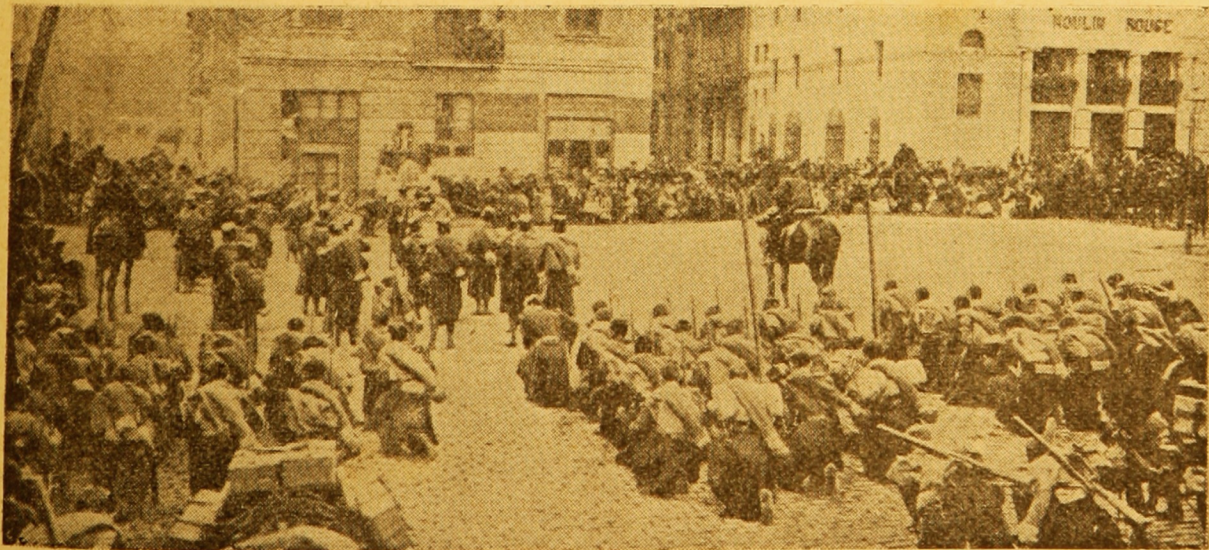
Juventude Catholica Bento XV—S. Matheus, Pico (Açores).

1. Rev. Manuel Maria de Mattos, zeloso par. cho da freguezia de S. Matheus e digno assistente da Juventude. — 2. Rev. José Garcia de Lemos, fundador e organisador da Juventude.

Esta importante associação de jovens catholicos tem prestado relevantes serviços á causa com as suas conferencias litterarias-historicas, seraos e fornecimento de boas leituras.

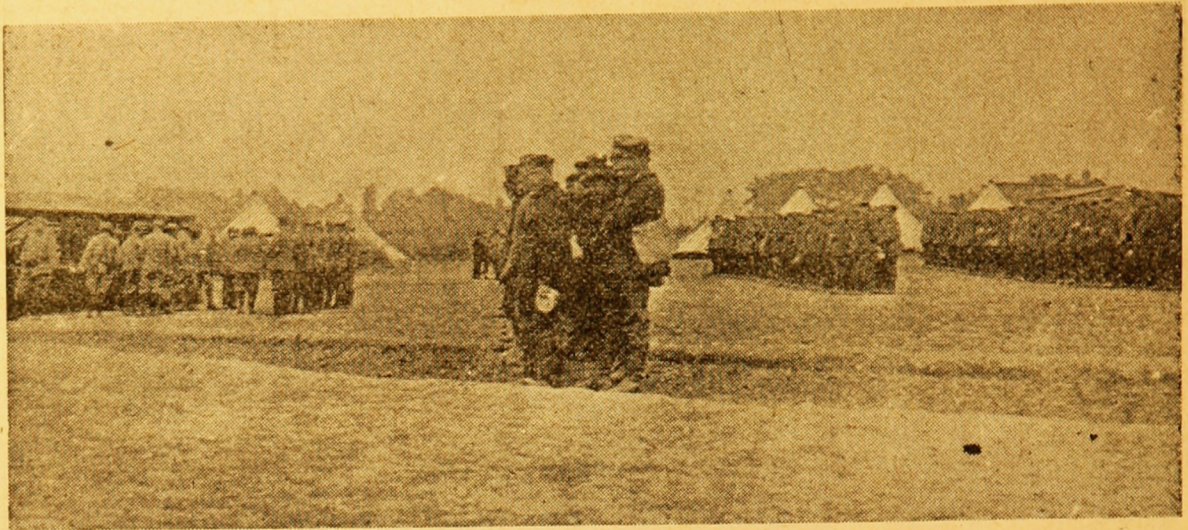
Apesar de ter de lutar com muitas difficuldades o Rev. P.^o José Garcia de Lemos, tem com esta obra por si fundada, arrencado muitos repazes da vida do vicio e indifferentismo.

Os successos em Hespanha



Aspecto da Praça de S. Paulo, durante a missa celebrada n'um domingo passado para que as tropas não faltassem a este dever christão. Estas tropas patrulhavam a cidade, onde tinham havido alguns conflictos.

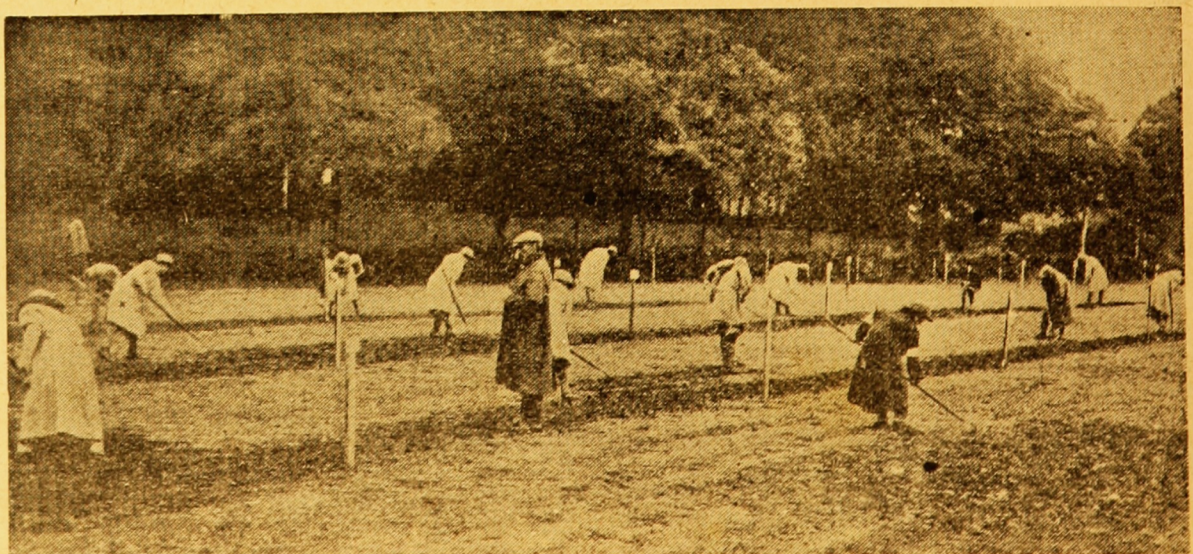
Guerra Europeia



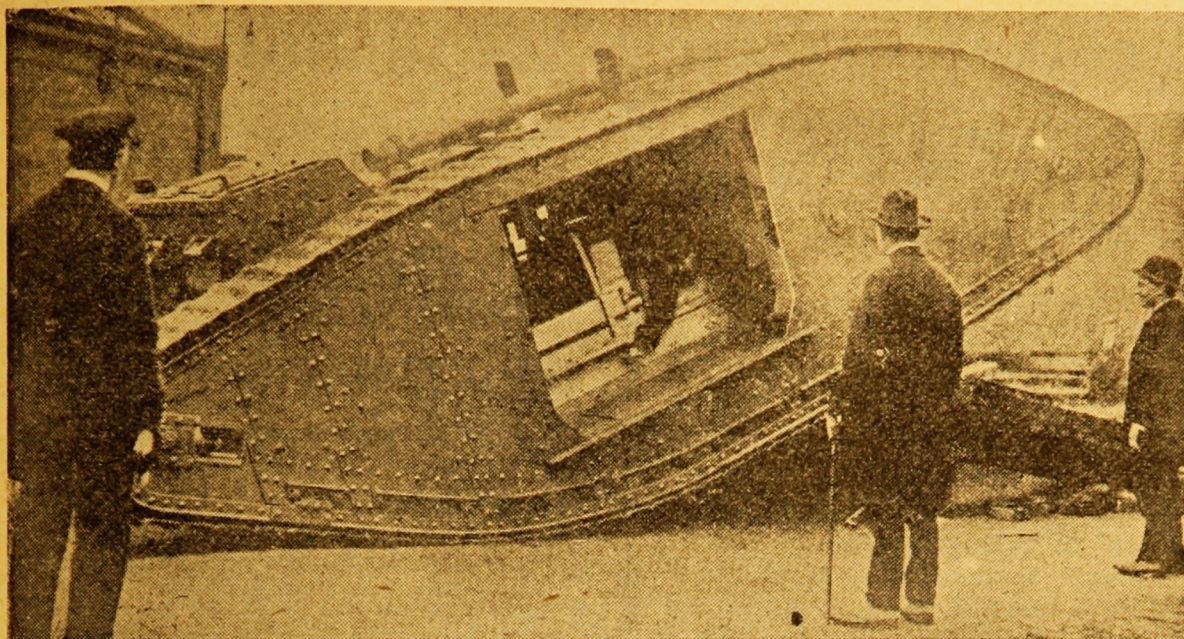
Os Prisioneiros allemães aguardando a entrega do rancho no campo de concentração.



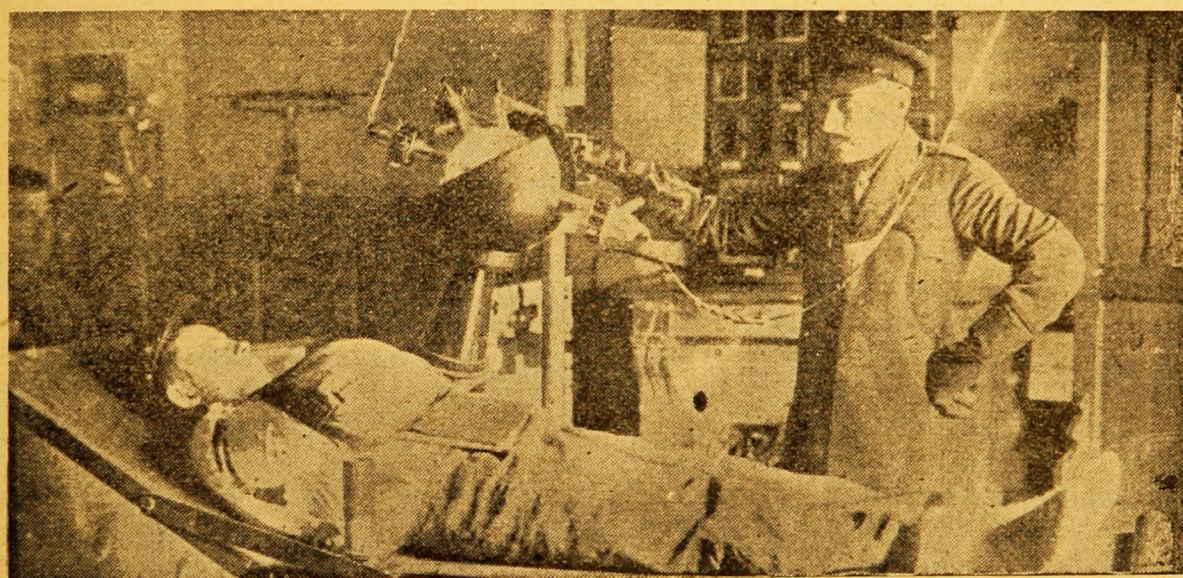
A linha de transporte que liga a cidade de Bagdad com a antiga mesquita e Kadhimain.



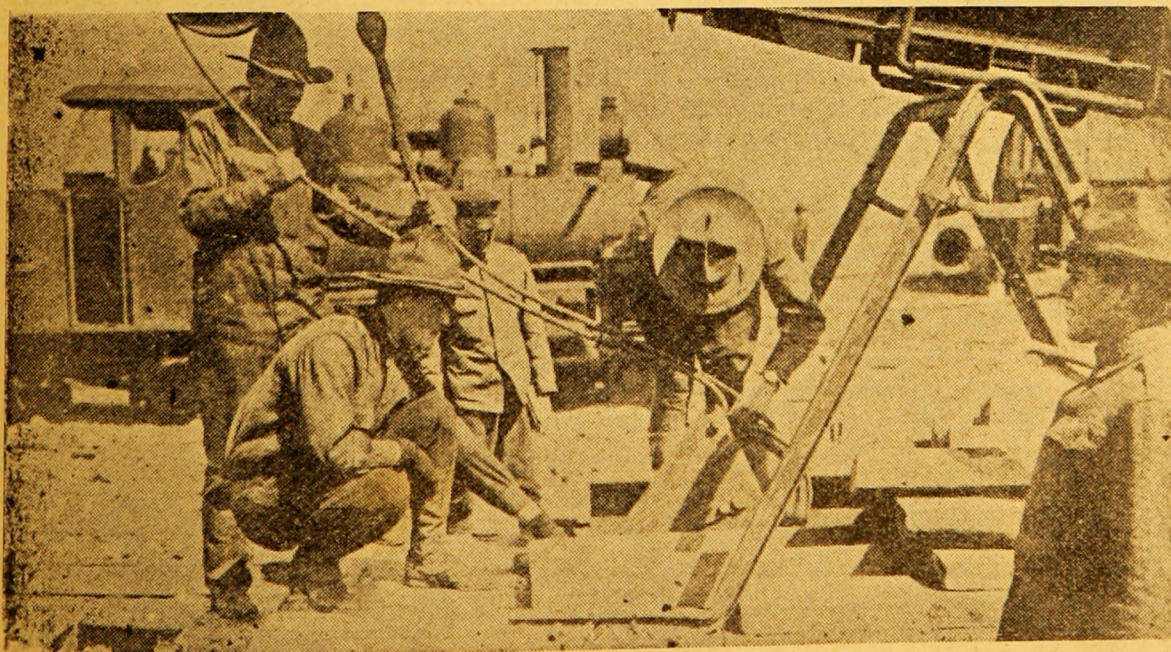
O exame de lavoura que as raparigas inglezas fazem para demonstrarem a sua capacidade nos labores agrícolas.



Os congressistas americanos examinando um *Tank*.



O aparelho radiographico e pessoal competente, cedidos pelo Canadá a um hospital estabelecido em França em beneficio exclusivo dos soldados francezes.



Secção de engenheiros americanos trabalhando n'uma linha ferrea na França.

QUADROS

XVII

A' Ex.ma Senhora
D. Albertina Couto Jorge

O HEROI

Por-do-sol. Tristeza repungente.
Purpúreas rosas murcham com a dor.
Mas aquelle homem gordo ri da flor,
Ri da tristeza e magua do occidente.

Homem heroico, intrepido, valente,
Nunca sentiu pesar ou dôce amor:
Faz ruido, á maneira d'um tambor
Que rufa, quando chora toda a gente.

Se alguém soffre, elle ri: é um peito forte,
Sem lagrimas, vencendo todo o abalo,
A rir da vida, como ri da morte...

E' só pena que este homem, de quem fallo,
Desate aos uivos contra a sua sorte,
Se alguém, passando, lhe amachuca um callo...

José Agostinho.

ILLUDIDA

(A' illustre poetisa Dona C. V. de C.)

Era á tarde. O astro d'óiro declinava...
As aves rendilhavam cantos lédos,
E a brisa, pelos densos arvorêdos,
Melancólicamente murmurava.

Ella, pálida e triste, meditava,
De olhar incérto e dôce, em mil segrêdos...
E o mar, banhando além altos rochedos,
Suspirosa, por vezes, contemplava!...

—A' memória trazia o tempo lindo
Da infancia, em que, co'as mais, cantando e rindo
Vagava pela praia e campo em flôr,

Sempre viva, travêssa e descuidada,
Sem sôber o que fôsse uma ciláda...
Sem saber o que fôsse mal d'amôr!...

Arouca—março de 1916,

Antonio Vaz Pinto.

A' VIRGEM

E's, ó Maria, a mãe dos desgraçados,
Por isso corro a ti.
No abysmo dos meus vícios e peccados
Oh! nunca te esqueci!

Conheço que me segues e me ampara,
Senhora a tua mão,
Pois do contrario ha muito resvalava
Na eterna perdição.

Cheia de graça e cheia de piedade,
De maternal amor,
Queres trazer ao trilho da verdade
Tão grande peccador.

Mas, ai de mim! sempre fugido, ingrato,
Ser teu proponho em vão,
Toma, Senhora, posse do insensato,
Consinta elle ou não!

Joavelino.

EM BOMBAIM

A TORRE DO SILENCIO

Por Eduardo de Noronha,



um indu que passa pergunta-se, em inglez:

—Que é aquillo?

—O *Dokma* dos parsis.

—?

—A *Torre do Silencio*. O cemiterio para onde conduzem os seus mortos. Olhe.

Olha-se.

E' um prestito funebre. Embrulhado em pannos, vê-se distinctamente uma immovel forma humana. Os que transportam o defuncto ou defuncta são evidentemente seus parentes. Aos pares, dois a dois, com trajés de brancura immaculada, caminham os convidados. Cada um d'elles segura a ponta de uma tira de cassa. Exprimem assim, por meio d'esse emblema, que os emparelha e os une o mesmo sentir de magua. Percorrem d'este modo as arterias da cidade, deslizam pela orla da bahia, cruzam por baixo da coma larga das palmeiras, atravessam o continuo jardim, que é toda essa região da Peninsula Industanica. O andamento notabiliza-se pela vagarosa solemnidade de cada pessoa, o que imprime a todos a magestade hieratica de sacerdotes orientaes.

Involuntariamente, a despeito do calor torrido que nos ameaça pôr em braza a cabeça, tiramos o capacete de medula de sabugueiro.

O cortejo estaca ante uma estreita porta que se rasga na parte inferior do mysterioso cubo alvejante. A minguada abertura patenteia-se. Entram por ella os restos do que foi um ser humano. Mal desaparece o vulto quasi informe, para ali conduzido, logo a porta se fecha com a pressa das fauces hiantes de fera sobre o primeiro pedaço de carne arrancado á victima que dilacera. Quem chegara até ali em postura unguida e attitudo recolhida olha insensivelmente para o espaço, para o sitio onde pequeninos pontos negros pairavam ha pouco nas alturas quasi inacessíveis e descem agora com a rapidez de um corisco de tormenta desencadeada. Por maior que seja a impassibilidade d'aquelles rostos, por mais fundo que se abrigue no coração o fatalismo, por arreigadas que estejam as raizes da crença, relampeja n'aquelles olhares um clarão de dôr, de muda e pesarosa interrogação. Depois... os parsis dispersam-se, aos grupos, isolados, em diversas direcções.

Ninguem mais, nem a pessoa mais inti-

ma de familia, assiste ás cerimonias celebradas dentro das pavorosas muralhas. Só o sacerdote do fogo, o *dastur* e mais dois guardas iniciados nos ritos podem ahí penetrar. A todos os outros, seja quem fôr, é verdade presenciar a secreta emergencia.

O sacerdote, no entanto, interrogado, não se exime a narrar os pormenores da conjunctura encoberta aos olhares profanos.

Que existe lá dentro?

A torre reparte-se em tres ordens de sectores concentricos, em redor de uma especie de cisterna central, sobre a qual se inclinam n'um declive accentuado. A cisterna liga-se com um andar terreo. Os coveiros dispõem os cadaveres dos homens na parte externa da circumferencia, na periphèria; os das mulheres na zona do meio; os das creanças na região attinente á do poço central. Em virtude das doutrinas do *Zend Avesta* que recommendam: «Entraste nu n'este mundo e nu d'elle sahirás», as mãos impiedosas dos guardas arrancam os trajés aos corpos ali entrados, os cadaveres ficam completamente despidos ante o olhar irreverente, senão audacioso e ávido, n'algumas circumstancias, dos trez homens vivos.

As agourentas aves, que principiam a descer das eminencias do ether apenas a sua vista acuradissima descobre qualquer sahimento em direcção da *Torre do Silencio*, acompanham-n'o desde longe, revoando em grandes circulos no ambiente diáphano, gransam e soltam gritos de afflictiva e impaciente rapacidade, crucitam de alegria ante o macabro banquete que se acerca. Alguns abutres, uns cincoenta, de pellagem encendrada, fulva, quasi rubra, após um vôo em linha recta ou descrevendo largas curvas, empoleiram-se nos muros externos da Torre. Olham gravemente para dentro á espera da razão que nunca falta. Brillam-lhes nas pupillas incendidas fulgurações estranhas, bravias, aceradas, de expressão quasi humana, como humano é o alimento facultado.

Exposto o cadaver ou cadaveres, dentro de um quarto de hora nada resta da carne que foi tumida ou flacida, bella ou repugnante, cubiçada ou repellida, san ou doentia. Só fica o esqueleto, só branqueiam os ossos que breve se separam, o sangue denso, negro, que se escôa pelos canaes, e que a chuva quando vem empurra e rola para a cis-

terna do centro. Os craneos são os mais resistentes ao embate dos ruivos e avantajados passaros, mas o bico, tão bem temperado como uma lamina de duro aço, depressa lhes abre fendas e o cerebro, a massa encephalica, os miolos, constituem, ao que parece, iguaria que muito apreciam.

Lá em baixo no fundo do poço, blocos de esponjas pedras, filtram os detritos ahí amontoados, o pó das ossadas, os fragmentos ensanguentados, na mista enxurrada que os aguaceiros despenham e que os abutres, a despeito da sua insaciavel voracidade, dei-

xam de tragar. Por este methodo purifica-se o ambiente e a agua despenhada das nuvens, de maneira que nem um átomo de materia humana é devolvido á terra em cumprimento do preceito de *Zend Avesta* que exige: «Tu em nada macharás a terra tua mãe».

Se Shakspeare soubesse d'estes costumes no seu tempo?! D'essa metempsychose, em que o fragil involucro das Humanidade, apenas a alma o abandona, torna a viver no torvelinho das aves de presa, sobe aos páramos do condor e da aguia, e segue assim na eterna e inquebrantavel cadeia!...

A morte do rei

(Conclusão)

(21 de Janeiro de 1791)



O jornal de Maria Terêza conta no seu diario a anciedade dolorosissima da familia real na manhã seguinte: «Era o terrivel dia. Levantamo-nos às 6 horas. Na véspera de tarde minha mãe apenas teve forças para despir e deitar meu irmão; atirou-se vestida para cima do leito onde toda a noite a ouvimos a tremêr de frio e dôr. Foram gritos de alegria, lá fóra, que lhe dêram a conhecer que o crime se consumára.»

París fóra posto em estado de sitio segundo o depoimento de dois Marselhêses hostis ao rei. Uma alta carroça pintada a verde, levou o rei-martyr. Luiz subiu com passo firme os degráus do cadafalso onde, na phrase insuspeita de Madelin, elle era maior que sobre o throno. O carrasco era Samsão que o ajudou a despir a vestia. Quando lhe ia porêr, a ligar as mãos, o rei recusou-se, mas o confessor disse-lhe que era o ultimo sacrificio, e elle accedeu por fim áquella tragica formalidade. Quiz adeantar se no estrado para fallar. Prohibiram-lh'o. Dixou-se levar então para o sitio da execução e amarrar-se. Depois bradou muito alto: *Povo morro innocente!* e voltando-se mais para a turba insistiu: *Senhores, estou innocente do que me accusam. Desejo que o meu sangue possa cimentar a felicidade dos francezes!*...

O povo agitou se, o carrasco pareceu hesitar. Sauberre mandou rufar os tambores para abafar a voz do suppliciado. Apressou-se a execução. Um rumor percorreu a turba. Ouviu-se então um gr to horrivel que o cutello abafou. Luiz XVI deixára de existir!

Houve alguns gritos isolados de *Viva a Nação!* Mas o povo em massa guardava um silencio morno, onde se via a contração dos corações pela emoção terrivel que abria de facto o reinado do Terror. D'ahi por deante toda a Revolução é um quadro a vermêho e prêto, emoldurado pelos postes e travessas da *machina* do sr. Gilhotin que dentro de dois annos ía devorar a longa fila dos accusadores e condemnadores do Capêlo. N'aquelle dia, cheio de destinos, todos elles, de Verguiand a Robespierre, deviam ter estremecido de espanto e calafrio...

Na tarde d'esse dia lugubre, o carrasco Samsão, testemunho da grandeza d'alma do condemnado, do altivo e digno silencio que elle opunha ás injurias que lhe haviam atirado; repetia em phrase improprietada, a scena do Centurião sobre

o Calvario, dizendo: «Em homenagem á verdade, elle sustentou tudo com um sangue frio e uma firmeza que nos espantou. Fico convencido de que tirou essa firmeza dos principios da religião. Com certeza, o rei era innocente!»

E pungido de remorsos, Samsão foi ter com um padre seu conhecido, transmittiu-lhe a sua perturbação e o seu arrependimento e comprometteu-se a mandar dizer cada anno uma missa expiatoria, compromisso fielmente executado, consoante a vontade paterna, por seu filho Henrique, até 1840, anno em que falleceu.

A' triste nova da morte do rei, por toda a França se realisam ceremonias de penitencia e expiação. Viu-se o parochio de Santo Estevão do do Monte, em París, o P.^o Delassus, passar quarenta dias junto dos altares, sob cilícios, supplicando ao Céu que desviasse os golpes dirigidos contra a Igreja de França.

Em Roma Pio VI mandou celebrar missa e exequias solemnes pelo repouso da alma do rei de cujo elogio foi encarregada a palavra eloquente de Mgr. Leardi Casalenci, declarando elle mesmo que Luiz XVI «Avocára felizmente a sempre frágil corôa real, e os lys bem depressa emurchecidos, por esse outro diadêma imperecivel que os Anjos tecêram de lyrios immortaes.»

Este movimento de orações não se detem. A sollicitação dos podêres publicos, sob a Restauração, a Igreja manda celebrar uma Ceremonia de reparação a 21 de Janeiro de 1815 que Maine du Biran descreveu no seu «Journal intime» parcialmente inédito. E a desejo de Luiz XVIII desde então se lê durante a missa de sufragio o testamento do decapitado monarcha, com um trecho do qual, modêlo de amor de rei pelo seu povo, vamos rematar estas rápidas memorções:

«De todo o coração lamento os nossos irmãos que podem andar em erro; mas não pretendo julgal-os nem os amo menos em Jesus Christo, segundo a Caridade christã nos ensina.

Peço a todos aquelles que inadvertidamente poderia ter offendido, que me perdôem; como eu perdôo aos que se tornaram meus inimigos...

Recommendo a meu filho que, se tiver a infelicidade de sêr Rey, pense em que se deve inteiramente á felicidade dos seus concidadãos, e que não o pode fazer, senão reinando conforme as leis...»

F. d'Almeirim.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade — *Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório — Utensilios e modelos para desenho e pintura — **Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

— DE —

Esculptura em Madeira

— E —

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134 — BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e maritimos, grèves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa Largo S. Julião
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA